



Elvira Fortunato Investigadora convidada por Cavaco Silva para discursar nas comemorações do 10 de Junho diz que as pessoas são a maior riqueza do país. Lamenta a emigração de cientistas e considera que é preciso trazer alguns de volta

Grande problema na ciência são os recursos humanos

Ana Gaspar
agaspar@jn.pt

► Elvira Fortunato foi escolhida por Cavaco Silva para presidir às comemorações do Dia de Portugal, que se realizam em Lamego. A investigadora revela que o seu discurso terá uma mensagem de esperança e dirá que os sonhos podem ser concretizados. Sobre a ciência portuguesa, a docente universitária lamenta a perda de recursos humanos porque considera que a única riqueza do país são as pessoas.

Como vê o facto de o presidente da República ter escolhido uma cientista para presidir à comissão organizadora do dia 10 de Junho?

Sinto-me bastante orgulhosa. Penso que tem muito a ver com o facto do futuro de qualquer país passar pela área da investigação. O presidente da República quer, de alguma forma, realçar o que de positivo Portugal tem feito, e na área da investigação, o saldo é muito positivo.

lá pensou no que vai dizer?

Vai ser uma mensagem de esperança e de acreditar e, acima de tudo, que é possível concretizar os nossos sonhos.

Em que consistem as suas funções?

O trabalho não é muito grande, uma vez que a Presidência da República tem já a máquina montada e são muito profissionais. O meu trabalho foi mais de acompanhamento e participação em algumas reuniões. Os dois pilares são a Presidência e a Câmara Municipal de Lamego.

Quais são as principais dificuldades que a ciência e a investigação portuguesas enfrentam neste momento?

Os maiores problemas estão nos recursos que existem, especialmente para pessoas. Não estou a falar tanto a nível de projetos mas, por exemplo, da falta de bolsas de doutoramento e de bolsas de pós-doutoramento. O défice que Portugal enfrenta é ter poucos recursos, com a agravante que parte desses recursos, extremamente especializados, têm emigrado, têm saído para o estrangeiro. Na ciência, o grande problema tem a ver com os recursos humanos.

Como vê a saída destes investigadores? Vamos demorar muitos anos a recuperar esta perda?



Investigadora trabalha e dá aulas na Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

perfil:
Bolsa de 2,5 milhões deu-lhe notoriedade

Elvira Fortunato
Investigadora
e docente universitária

Dirige o Centro de Investigação de Materiais (Cenimat) da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Em 2008 ganhou notoriedade ao receber uma bolsa do ERC de 2,5 milhões de euros, a primeira com um valor tão alto dada a um português.



Não sei se os políticos se apercebem, mas as patentes nacionais não valem nada. As que valem são as internacionais e essas custam muito dinheiro. Não há subsídios. Temos que ter projetos para as financiar ou então as ideias morrem à nascença”

Espero que não, porque há uns que saem por opção. O problema são aqueles que queriam ficar. Vamos ter que arranjar meios e fazer com que parte dessas pessoas regresses, porque estamos a perder a dois níveis. O país investiu em pessoas que não podem retribuir porque se vão embora. E essas pessoas, que podiam ser produtivas cá, vão usar esses recursos noutros países.

Temos cada vez mais investigadores portugueses a serem escolhidos para receber bolsas internacionais. Isto significa que a qualidade da investigação nacional está a aumentar?

Claro que sim. Não só a nível do European Research Council (ERC) mas também de projetos europeus. O facto de nós conseguirmos atrair e ganhar esses projetos extremamente competitivos mostra que a ciência que fazemos aqui tem qualidade.

A diversificação das fontes de financiamento, recorrendo às empresas, é suficiente para colmatar a falha criada pelo desinvestimento público?

Sim. Aqui no centro também fomos afetados, e muito, por esses cortes. É evidente que há áreas mais competitivas ou as que têm a garantia que as pessoas têm emprego, mas estes cortes foram cegos e cortou-se uma percentagem mais ou menos igual por todas as áreas. Nas tecnologias, onde eu trabalho, a alternativa foi pagar as bolsas a parte das pessoas por projetos que temos diretamente com empresas ou até através de projetos europeus e temos tido algum sucesso.

As pessoas e os políticos têm noção do peso estratégico da inovação para a sustentabilidade económica?

Penso que têm. Só que como há tantos problemas emergentes, que têm que ser resolvidos a muito curto prazo, dá-me ideia que ficam um bocadinho esquecidos. A sensação que eu tenho é que se está sempre a fazer coisas para o imediato. Não se dá tempo para que as pessoas pensem um bocadinho a cinco, dez anos.

Em 2012 alertou para o risco de perda de patentes por causa da regra do equilíbrio orçamental. O problema foi ultrapassado, mas e agora? Continua a ser difícil a manutenção das patentes?

Foi ultrapassado, mas é um grande problema. Não sei se os políticos se apercebem, mas as patentes nacionais não valem nada. As que valem são as internacionais e essas custam muito dinheiro. Não há subsídios. Temos que ter projetos para as financiar ou então as ideias morrem à nascença.

Quais serão os desafios a curto e a longo prazo?

A única coisa que posso ver de mais negativo, neste momento, são os recursos humanos. Já tenho dito várias vezes, o país não tem petróleo, não tem diamantes, tem pessoas. É a nossa única riqueza e é nessa que devemos apostar.

E de mais positivo?

É quase infinito. É fazer cada vez melhor, é termos cada vez mais projetos e colocar Portugal lá em cima em termos de investigação científica. Até para atrair investimento. ●